

EDITORIAL

O presente volume (19), referente ao segundo semestre de 2015, traz o “Dossiê: sonetos e outras formas fixas”. Apesar de uma ou outra incursão por outras formas fixas, os artigos aqui reunidos detiveram-se no soneto, o que não espantará, certamente, nenhum leitor, dada a centralidade da forma na literatura brasileira e do papel que ela passa a ocupar por aqui a partir do Modernismo.

Em termos históricos, o rol dos autores estudados é variado começando por Gregório de Matos, passando por Machado de Assis, detendo-se no século XX em alguns de seus poetas mais significativos como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Dante Milano e João Cabral de Melo Neto, e chegando a um poeta contemporâneo, Adriano Espínola.

O primeiro artigo, “Uma forma fixamente aberta: Introdução ao gênero satírico da ‘época de Gregório de Matos’”, de Felipe Lima da Silva e Ana Lúcia Machado de Oliveira, busca discutir poesia satírica de Gregório de Matos, sobretudo aquela expressa em sonetos, a partir das convenções que definiam a expressão na época em que os poemas

foram escritos. Para tanto, procuram “discutir os procedimentos retórico-poéticos que fazem da sátira um aparelho de correção moral do período”, recusando, assim, a visão subjetivista de origem romântica – que tende a ver na sátira de Gregório “um espelho das paixões psicologizadas de um suposto autor dos poemas”.

Jamesson Buarque, no artigo “Soneto como variação fixa formal”, defende o soneto como “uma forma fixa porque variável”, princípio correspondente ao “de variedade na fixidez como ‘igualdade na quantidade’”. O autor vai das origens do soneto, a partir de Giacomo da Lentini, à poesia de modernistas brasileiros, como Bandeira, Drummond e Vinícius de Moraes, passando por Olavo Bilac para demonstrar a validade da tese anunciada.

Já Wilson José Flores Jr., em “Os sonetos ingleses de Manuel Bandeira”, a partir da análise dos dois sonetos em formato inglês escritos por Bandeira, procura discutir uma visão de mundo recorrente na obra do poeta pernambucano, apesar de pouco enfatizada por parte da crítica: a de que a “vida não vale a pena e a dor de ser vivida”.

Sérgio Fuzeira Martagão e Rafael da Silva Mendes, em “Dante Milano: as águas tenebrosas nos ‘Sonetos pensativos’”, analisam, especificamente, os sonetos “A fonte”, “Passagem do Aqueronte” e “O naufrago” à luz da obra *A água e os sonhos*, de Gaston Bachelard. Apesar das variações de tom, os autores apontam para a recorrência das águas com “aspecto sombrio e fúnebre” nos poemas analisados, bem como na obra de Milano.

No último artigo do Dossiê, “Fios da trama poética de Adriano Espínola”, Antônio Donizeti Pires busca apresentar criticamente a “obra em progresso” de Espínola, considerando, para isso, a “discussão atual sobre os caminhos da poesia brasileira contemporânea”. Além disso, analisa “duas formas tradicionais caras ao poeta: o soneto e o

haicai”, a partir das quais traça considerações sobre alguns dos procedimentos poéticos que se destacam na obra de Espínola.

Além do Dossiê, o presente volume traz também uma sessão Vária, composta por quatro artigos.

O primeiro artigo, “‘O profeta’ e ‘a poesia’ de Machado de Assis”, de Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso e Wilton José Marques, reconhecendo o interesse crescente pelos textos “de menor fôlego” do autor de *Dom Casmurro*, como seria o caso da crítica e da poesia por ele escritas, tenta elucidar como a crítica machadiana “estava em comunhão com suas composições literárias do mesmo período”. Para isso, analisam o poema “O profeta”, de 1855, e o texto crítico “A poesia”, de 1856.

No artigo seguinte, “Nada é fixo e nada é seguro em ‘Romance de primos e primas’”, José Batista de Sales estuda o poema de Carlos Drummond de Andrade referido no título, enfatizando sua “componente metaliterária” e sua “pegada sociológica” de modo a entrelaçar “questionamento estético” e análise das “idiossincrasias sociais” a partir de figuras de linguagem como a ironia e a antítese, recorrentes na obra de Drummond.

Em “‘De um avião’ de Cabral: implicações de uma leitura newtoniana e de uma leitura relativística de um ‘aeropoema’”, Lino Machado propõe a análise do poema referido no título a partir de uma incursão a dois dos pilares da física moderna: a teoria newtoniana e a relatividade, de Albert Einstein e Herman Minkowski.

No último artigo do volume, “Crítica e exaltação à arte barroca de Minas na poesia de Murilo Mendes e Affonso Ávila”, Wesley Thales de Almeida Rocha e Ilca Vieira de Oliveira analisam os modos de representação da arte barroca mineira nos livros *Contemplanção de Ouro Preto*, de Murilo Mendes, e *Código de Minas, Cantaria barroca e*

Barrocolagens, de Affonso Ávila. Segundo os autores, ambos os poetas explicitam, “na confecção de seu discurso poético, a estrita ligação existente entre a tradição cultural e a arte moderna”.

Em todos os casos – e de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas – os artigos aqui reunidos buscam pensar os desafios impostos pela poesia por meio de uma visada sensível e rigorosa aos aspectos estruturais dos textos analisados, bem como seus diálogos com outras disciplinas e com outros aspectos da experiência humana e brasileira.

Kelcilene Grácia-Rodrigues (UFMS-Três Lagoas)¹

Wilson José Flores Júnior (UFG-Goiânia)²

Três Lagoas/Goiânia, 30 de dezembro de 2015.

¹ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/*Campus* de Três Lagoas. Atua no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Email: kelcilenegracia@uol.com.br

² Professor do Departamento de Estudos Literários e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da FL-UFG/Goiânia. Email: wfloresjr@gmail.com